

de uma revolução cultural; o cristianismo em face da ciência, com particular referência ao evolucionismo e à relação entre ciência e questões metafísicas; abertura ao mundo ou abertura do mundo; o princípio da separação; os «lengóis freáticos» do cristianismo ou as suas camadas profundas de onde, de vários modos, na paisagem desertificada da superfície se vê irromperem os efeitos imprevistos; a postura de alguns dos últimos papas; tradicionalismo, fundamentalismo e evangelismo.

O último capítulo é especialmente longo (pp. 229-271). Versa sobre o futuro da fé e da religião cristã, levando justamente por título «Quelle espérance?». Reflexões e sugestões muito pertinentes são feitas por ambas as partes. Que Deus? Que cristianismo? Que mudanças a operar? Modelos como S. João da Cruz, S. Francisco de Assis, Madre Teresa, Andrea Riccardi... Sugestão de uma «teologia interrogativa», que já não ou mais que afirmativa e mesmo simplesmente negativa. O fim da cristandade, a certeza de que o passado não volta mais e de que, como dizia L. Veuillot, «vemos o que está a morrer, mas não o que está a nascer» (cit. p. 270).

Este é um livro apaixonante: pelo seu estilo coloquial, pela categoria das questões e das respostas, pelo muito, enfim, que nele podemos aprender sobre o mundo em que estamos lançados como gente de Igreja, sobretudo como pastores, e porque nos ajuda a ver como o cristianismo e a Igreja são vistos e sentidos – e mesmo rejeitados ou desejados – do lado da cultura e da sociedade pós-cristãs, que é o mundo dos laicos, ora nossos inimigos ou adversários ora pedintes de mãos abertas à espera da nossa oferta de algo que não sabem bem o quê mas que é certamente da ordem do genuíno Evangelho de Jesus Cristo.

LUÍS SALGADO

BENOÎT XVI, Chercher Dieu. Discours au monde de la culture, Avant-propos du Card. A. VINGT-TROIS, Commentaires de AA.VV., Éditions Parole et Silence / Lethielleux, Paris 2008, 146 p., 210 x 140, ISBN 978-2-283-61048-0.

No interior de Bento XVI habita sempre o teólogo J. Ratzinger. Era de esperar. E ainda bem, para bem da Igreja, da religião em geral e do mundo. Na confusão actual da cultura, como textura de linhas de orientação e de desorientação em que se move o homem contemporâneo, é altamente salutar ouvir os grandes discursos do Papa actual. Eles são de tal maneira pertinentes, claros, fundamentados e mesmo literariamente cativantes, que – há testemunhos disso – os seus próprios adversários e muitos intelectuais que não se reconhecem católicos ou nem sequer crentes não se dispensam de os lerem e não se coíbem de os admirar.

O discurso ao mundo da cultura proferido em Paris, no Collège des Bernardins é um dos mais bem conseguidos. Em linguagem acessível a todos, o Papa, tendo em conta que o cenário era o de um antigo mosteiro, falou das raízes cristãs da Europa, a partir do papel dos monges na sua gestação e formação. Na base de factos históricos, contra os quais não há argumentos. Em ligação com isso, falou também das origens da teologia ocidental. E com isso fez acordar a consciência de que a Europa tem uma alma cristã e de que a sua cultura não pode prescindir de uma essencial referência a ela. E de que, se quiser encontrar um sentido para o seu futuro que seja também, em termos religiosos, um caminho de «salvação», ele não pode desviar-se daquele que se iniciou com os monges: acolhendo o que de verdadeiro e bom nos foi legado pela

antiguidade clássica, caminhar na procura da verdade, equivalente a caminhar na procura de Deus (*quaerere Deum*).

Esta edição do discurso do Collège des Bernardins é enriquecida com uma série de comentários de relevantes figuras do pensamento e d cultura, incidindo sobre passagens várias do discurso papal: Guy Coq (Da antiga cultura à nova); Júlia Kristeva (A palavra, essa experiência); C. Vigée (A esperança na palavra é promessa do mundo); F. Midal (Unir-se à música dos espíritos sublimes); A. Leproux (As Escrituras); J. Vignon (Deus trabalha); P. Capelle (Universalidade de Deus e universalidade da razão); Mgr C. Dagens (A procura de Deus passa pela cultura); E. Michelin (Meditação sobre o Limiar); Mgr J. Beau (Por uma renovação da cultura); J.R. Armogathe (Três lições pontificais: Ratisbona, Roma e Paris). Completam e enriquecem o volume dois outros grandes discursos: o de Ratisbona e o de Roma (destinado a ser lido na Universidade La Sapienza).

LUÍS SALGADO

FILOSOFIA

DELSOL, Chantal, **Qu'est-ce que l'homme? Cours familial d'anthropologie**, col. «La nuit surveillée», Les Éditions du Cerf (www.editionsdu-cerf.fr), Paris, 2008, 208 p., 210 x 135, ISBN 978-2-204-085861-1.

Membro do Instituto de França e professora de filosofia na universidade de Paris-Est, Chantal Delsol é uma filósofa com talento de poeta. Escreve livros de pensamento e romances de grande êxito editorial. Como pensadora, pensa poeticamente, com a beleza e a sugestividade

próprias da linguagem poética. E também com a originalidade e criatividade. Foi assim que pensou e escreveu este «curso familiar de antropologia». Familiar, porque em renúncia de princípio a toda a pretensão de o assentar em base metafísica ou em dogma ideológico ou em religião. Não apela para nenhuma fé; apenas para a boa fé. Opera numa espécie de lógica da «*reductio ad absurdum*». Como ela diz, cada traço humano que ela vai encontrar e descrever não se demonstra senão pelo seu inverso: a figura (humana) afirma-se pelo sentimento de infelicidade e sofrimento da correspondente des-figura (p. 12).

Na sua mira está, muito particularmente, procurar evidenciar o carácter universal e permanente do ser humano. Universal, não obstante a variedade das suas expressões culturais; permanente, apesar das suas mutações no tempo. Em todo o caso, a autora propõe-se evidenciar também – mesmo que apelando para as loucuras que tentam desfigurar o ser humano na sua mesma compleição biológica – que o ser humano está sempre *alhures*: procurando sempre mais, para além daquilo que lhe está dado.

Antes de mais pela ultrapassagem da mortalidade. Daí que o medo da morte seja aqui dado como o primeiro sinal do humano do homem (cap. I – A mortalidade e a diferenciação). Este medo alarga-se ao colectivo de cada povo. Hoje, o niilismo aponta para a morte também a este nível (cap. II – Uma sociedade é imortal). Por outro lado, a diferenciação entre o bem e o mal (a eticidade e/ou moralidade) é também universal e, por isso, distintiva do humano. A união (ou o ser em relação) encontra a sua desfiguração no princípio de separação que é o princípio do mal. A autora explora exemplificativamente o sucedido com o nazismo, a tribo dos Iks, as ideologias igualitárias e o relativismo que as prolonga (cap. III – Ética: a intuição